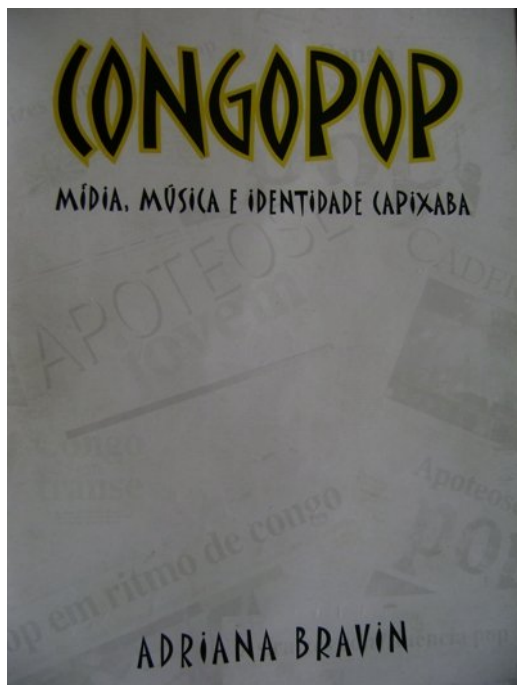


'Congopop' integra mídia, música e identidade capixaba

Livro de Adriana Bravin discute tensões culturais (local-global) na produção de grupos culturais do Espírito Santo

Sérgio Luiz Gadini¹



Qual a imagem cultural que a maioria da população brasileira (seja um leitor, ouvinte ou telespectador, consumidor de mídia deste universo nacional verde-amarelo tem do Espírito Santo? O que se entende por 'congopop'? O que remete, de forma mais imediata, às identidades culturais capixabas? Ou, ainda, seria possível falar em 'identidade cultural capixaba... para os consumidores de mídia do País? Acalme, caro leitor ou leitora, desta Revista Folkcom, pois não há respostas para todas as questões acima levantadas, num rápido texto (em forma de resenha bibliográfica).

Contudo, se pensa em deixar a leitura após este primeiro parágrafo, não esqueça que o livro de Adriana Bravin, *Congopop – mídia, música e identidade capixaba*. Por ora, memorize as perguntas e, ao final do texto, se ficares insatisfeito, basta enviar mensagem ao autor da

resenha ou, preferencialmente, confira algumas das respostas no próprio livro aqui apresentado. Bem-vindo ao universo de expressões culturais brasileiro contemporâneo... no hibridismo de ritmos musicais, a partir do 'Congopop'!

O conceito de cultura propagando pelo jamaicano Stuart Hall (um espaço de luta e tensão de valores entre diferentes grupos sociais) encontra atualidade no livro da jornalista e professora Adriana Bravin, lançado em dezembro/08, na capital do Espírito Santo (Vitória). A referência é da professora Ana Lúcia Enne, que apresenta o presente estudo.

Resultado de uma pesquisa, apresentada originalmente (em agosto/05) como dissertação de mestrado no Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Imagem e Informação da Universidade Federal Fluminense (UFF), o livro discute o ritmo do congo apresentado por duas importantes bandas musicais de pop-rock capixaba (*Casaca* e *Manimal*), entre o final do anos 1990/início de 2000.

E a metodologia de pesquisa? Além de uma revisão conceitual, que situa a produção cultural contemporânea na crescente hibridização de gêneros, formatos e ritmos, a autora toma por base o período entre 1997 - “quando Manimal lançou seu primeiro disco e ofereceu ao mercado o selo de diferenciação – rockongo – e 2002, quando o Casaca foi contratado pela Sony Music”). Paralelo a uma garimpagem em “críticas musicais e reportagens sobre os grupos, selecionadas nos jornais *A Gazeta* e *A Tribuna*”, dois dos mais importantes impressos diários que circulam no Espírito Santo. Entrevistas com qualitativas com os líderes dos grupos musicais – os irmãos Amaro e Alexandre Lima, do *Manimal*, e Jura Fernandes e Renato Casanova, do *Casava* – também embasam o estudo da autora.

1 Jornalista, Dr. em Comunicação, professor do Curso de Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG/PR). E-m: sergiogadini@yahoo.com.br O autor é, também, editor-executivo da *Revista Folkcom*.

O contexto social não está à parte da realidade musical da época! Conforme Adriana Bravin (p.17), na medida em que a sociedade midiática está norteada na publicização dos modos, produtos e serviços que circulam, os objetos de análise da pesquisa “apresentam-se como “produtos e produtores do cenário da música independente, que se formou no país ao longo da década de 90 e se consolidou, regionalmente, na passagem para o ano 2000”. Em outros termos, a autora destaca uma das contribuições culturais do congo: “o ritmo das bandas do Espírito Santo contém, ao mesmo tempo, elementos particulares e universais”.

Mas, de que modo os referidos grupos passam a fazer parte da construção cotidiana das representações sociais no imaginário capixaba? Num contexto em que atores sociais, grupos políticos, gestores públicos e movimentos culturais “postulavam uma nova representação do capixaba (...), *Manimal* e *Casaca* garantiram para si a centralidade dos holofotes das mídias e do poder público, principal financiador das atividades culturais”, lembra Bravin (p. 21). Oportuno lembrar que, naquele momento, a política no Espírito Santo está marcada por denúncias de corrupção, má gestão do dinheiro público e altos índices de criminalidade. A (nova) representação cultural capixaba, de que fala a autora, a partir da produção musical regional, é apresentada, assim, como um contraponto ao descrédito político da ocasião.

No cenário musical, a explicação é contextual: a década de 1980 se torna uma referência para bandas pop, que conseguem “tirar algumas gravadoras do vermelho”, graças ao apelo e adesão de grupos que conseguem expressar a 'transição' de esperança eleitoreiro (mesmo sem votar para presidente, o que só vai acontecer em 1989), desencanto cultural e a gradual aproximação do binômio jovem-consumo. A versão de que os anos oitenta seria a “década perdida”, portanto, nunca passou de lenda... forjada por alguns poucos, logo tensionada pelas crescentes mudanças sociais, para a melhoria da condição ou nem tanto. Mas, daí para lá, é outra história!

E o que isso tem a ver com cenário do Congopop capixaba? Conforme Bravin (p.34), a explicação é simples: a transformação-tradução do congo pode ser dividida em duas etapas: “a transição, entre os anos 70 e 80; e a tradução, dos anos 90 em diante”. Nas palavras da autora, “o encontro do congo com a tradição pelos grupos de rock e reggae será favorecido pelo contato, ainda nos anos 70 e 80, da banda de congo da Barra do Jucu (antiga vila de pescadores, localizada em Vila Velha-ES) com intelectuais e estudantes universitários, com artistas e profissionais da música...”. Mais tarde, continua Adriana, a partir da década 1990, “retoma-se as experimentações do congo com outros ritmos e inicia-se o processo de sua tradução – semelhante ao movimento ocorrido em Pernambuco, com a utilização de elementos do maracatu e ritmos folclóricos misturados à batida eletrônica de Chico Science e Nação Zumbi” (p.36).

É também a partir deste momento que o 'congo' começa figurar entre as representações culturais mais importantes do imaginário capixaba, ao lado do 'Convento da Penha', da 'Moqueca Capixaba' e da 'Panela de barro'. É aí que a política de “visibilidade empreendida em torno deste projeto e concluir como, no produto musical de *Manimal* e *Casaca*, evidenciam-se tanto os sentidos compartilhados pelos jovens consumidores da música pop quanto interesses mercadológicos (indústria fonográfica e mídia) e de Estado. Eis aí a articulação congo-pop”!

Longe de idealizar um mundo em que as expressões culturais estariam protegidas ou mesmo intocadas, o livro possibilita entender que, em cultura, não existe purismo, o resto é lenda, ilusão ou intenção cada vez menos 'realizável'. Na Era da miscigenação das formas de manifestações culturais, os dois grupos tomam por base o ritmo congo.

Vale, ainda, destacar a explicação da autora sobre algumas transformações nas bandas de congo (p.28): “ao seu instrumental original – tambores de madeira (chamados *guararás*, pelos indígenas, e rebatizados *congós*, posteriormente com a presença dos negros), *casacas* (reco-reco com cabeça esculpida) ou *cassacos*, e *chocalho* (*massaracá*)

- acrescentaram-se cuíca, pandeiro, caixa, triângulo, bumbo e, em alguns grupos específicos, flauta (Banda de Congo da Vila do Riacho, Aracruz) e buzina de folha de flandres (bandas de congo de Cariacica)".

Para quem teve a oportunidade de ver uma 'congada' (representação de um ritual de grupos culturais afros, existentes de Norte a Sul do Brasil, que prestam homenagens ao Reino do Congo), as bandas de congo estão associadas, na tradição religiosa, a São Benedito, filho de escravos na Itália medieval, e atende a uma crença mística secular.

'Mas d'onde vem a expressão 'congopop'? Teria surgido num show, em 1991, com um dos grupos ('Banda Dois', apresentado pela autora como "grupo parafolclórico de congo, formado por estudantes universitários e organizado pelo maestro Jaceguay Lins") que se destaca pelas batidas do tambor e casaca. Segundo a autora, o maestro teria criado, num primeiro momento, a expressão 'rockongo'. E, aos poucos, a mídia passa a utilizar o termo 'congopop' – "uma junção do congo ao pop, tanto de popular quanto de popularização", explica Adriana.

Agora, de modo mais visível e efetivo, quando o congopop 'ganha' o cenário midiático? A pesquisa de Adriana Bravin indica que "o congopop começa a aparecer na mídia a partir da projeção internacional do Manimal, em 96, quando a banda é premiada pela Radio France Internationale por sua produção cultural (o rockongo), em concurso que selecionou 440 grupos da América Latina e do Caribe" (p.42). Aí tem outro elemento... pois a eficácia d'uma expressão cultural também depende seu potencial de universidade. Pela explicação da autora...

"A metáfora da comunicação respresentada pelo tambor é também uma abertura ao diálogo com o mundo, à possibilidade de ser ouvido em qualquer língua, em qualquer canto do globo. Uma linguagem que universaliza e particulariza o discurso musical com o qual Manimal imagina inserir-se no mercado global" (p.43). Os indicadores de consumo confirmam a exposição: o rockongo aparece no mapeamento musical feito no Brasil em 2000!

Por um olhar comparativo, Bravin conta que os dois grupos analisados – pela produção midiática – tensionam e passam e buscar formar de se fazer presentes no cotidiano capixaba... pela música que, num período de poucos anos de diferença, se torna parte da música mais consumida pelos jovens do Espírito Santo, pela projeção que setores da gestão pública e política passam a se mostrar 'linkados', bem como pela crescente adesão que as emissoras de rádio, pela mídia impressa, nas casas noturnas, shows em espaços abertos e, por fim, de modo mais enfático, pela indústria fonográfica, que também passa a 'explorar' o congo (da variação rockongo ao congopop) como potencial de consumo mercantil.

O período final anos 1990/início anos 2000 passa, desta forma, a ser marcado pela projeção, consumo e adesão a um ritmo musical regional... que dialoga, seja por estratégia de mercado ou para ser entendida por outras faixas de público, para além do Espírito – com tendência globais, que oscilam do reggae, rock ao pop. O congopop vai forjando uma 'marca' nas expressões culturais do imaginário capixaba!

É nesta lógica que Adriana Bravin indica a trajetória que norteia e justifica a atualidade e pertinência do livro: "a mídia se associa à indústria fonográfica, promovendo esses grupos e seus discos por meio de sua exposição massiva e apoiando shows e eventos, onde Casaca e Manimal centralizam as atenções". Assim, pode-se dizer, pelas palavras da autora, que "o que é específico, nesse processo, é a escolha desses grupos por envolver interesses mercadológicos e de Estado, no sentido de construir, a partir deles, uma 'política de visibilidade'" (p.132).

Em sintonia com o desejo de instituir uma outra imagem, autores que buscam gestar a vida pública do Espírito Santo vêem-se no limite da pretensão a um projeto cultural identitário, talvez mais vendável: "o congopop de Manimal e Casaca é apropriado aos interesses da indústria do disco pelo exótico, pelo peculiar da produção musical pop

jovem, dos anos 90 e início da década de 2000, e aos interesses de agentes públicos, porque esses grupos representam uma 'nova imagem' do lugar de onde falam: um Espírito Santo jovem, alto-astrol e antenado com as tendências contemporâneas da música pop nacional, quiçá mundial” (p.133).

Qualquer lembrança ou, guardadas as proporções com as experiências de projeção/consumo/identificação com a música maranhense ('bumba meu boi', final dos anos 1990), nativismo gaúcho (era dos festivais meados anos 1970/80), manguebeat pernambucano (nos anos noventa) não seria uma simples coincidência... a indústria fonográfica, como o futebol, tem 'olheiro', para entender o que mais pode vender, disputar mercados regionais e, pois, manter presença num espaço de consumo cada vez mais segmentado. Associar ritmos, de forma híbrida, se torna uma tendência dos mais diversos setores do campo cultural nas sociedades contemporâneas. A pesquisa da jornalista, mestre em comunicação e professora Adriana Bravin confirma tal hipótese, a partir de um minucioso estudo de caso na representação da cultura capixaba.

O livro vem, assim, atender a uma demanda de estudos sobre “análise da música popular no contexto da indústria cultural, da cultura de massas, das tecnologias da comunicação”, como diz Simone Sá, ao recomendar a leitura do estudo de Adriana Bravin.

E o que isso tudo tem a ver com a Folkcomunicação? Trata-se de uma das inúmeras formas de hibridismo/miscigenação que associa as formas de expressão cultural que se tornam, simultaneamente, em manifestações de mídia, forjando espaços de disputa, representação e projeção de diferentes modos de viver, ser e pensar na contemporaneidade.

Livro: *Congopop – Mídia, música e identidade capixaba.*

Autora: Adriana Bravin.

Cidade: Vitória/ES. Edição da autora. 2008. 154 p.

Informação (e compra) direto pelo e-m da autora: adrix.vix@uol.com.br